ISSN 1984-5634

Quando o concreto invade a dignidade humana o que transborda é racismo: denúncia, imagens e resistência da periferia no Canal da Antônio Baena em Belém (PA)

When concrete invades human dignity, what overflows is racism: denunciation, images and resistance from the periphery at the Antônio Baena Canal in Belém (PA)

Éder Dutra do Carmo[1]
Eunápio Dutra do Carmo[2]

Resumo
Situado nas lutas pulsantes da periferia, o artigo tem como objetivo analisar a atuação do Movimento 28 de Abril, no período 2023-2024, diante dos desafios enfrentados pelos moradores à margem do canal Antônio Baena (Belém/PA) numa perspectiva histórica e crítica. Assim, a linha de investigação aqui desenhada situa-se no âmbito das consequências sociais do PMBU (Projeto da Macrodrenagem da Bacia do Una) e as formas de resistir de coletivos e movimentos diante do caos instalado com a falácia da modernização urbana. Diante disso, os principais resultados acenam para o fato de que não obstante o avanço de grandes obras de infraestrutura na rede urbana, há resistências, rebeldias, criatividades em luta protagonizadas por moradores do canal da Antônio Baena que se organizam, tendo como referência o Movimento 28 de Abril que vem aglutinando agendas e demandas dos moradores com atuação em rede.

Palavras-chave: Movimento Social; Periferia; Lutas; Racismo.

gerência editorial:
Bruna Cristina Oliveira Pupe
Pedro Haas Zanotto

submetido: 20/02/2025
aceito: 03/09/2025

Abstract
Set in the pulsating struggles of the periphery, the article aims to analyze the performance of the 28 de Abril Movement, in the period 2023-2024, in the face of the challenges faced by residents on the banks of the Antônio Baena canal (Belém/PA) from a historical and critical perspective. Thus, the line of investigation outlined here is within the scope of the social consequences of the PMBU (Una Basin Macrodrainage Project) and the ways of resisting by collectives and movements in the face of the chaos installed with the fallacy of urban modernization. In view of this, the main results point to the fact that despite the advancement of major infrastructure works in the urban network, there is resistance, rebellion, creativity in struggle carried out by residents of the Antônio Baena canal who organize themselves, having as reference the 28th of April Movement, which has been bringing together the agendas and demands of residents acting in a network.

Keywords: Social Movement; Periphery; Struggles; Racism.

como citar:
Carmo, E. D.; Carmo, E. D. Quando o concreto invade a dignidade humana o que transborda é racismo: denúncia, imagens e resistência da periferia no Canal da Antônio Baena em Belém (PA). *Aedos*, Porto Alegre, v. 17, n. 40, p. 120-139, jan.–jun., 2025.

https://seer.ufrgs.br/aedos/

1 Professor, historiador e educador popular. Integrante do Movimento Negro da Periferia de Belém. Orcid: 0000-0003-4437-4760. E-mail: eder-marley@yahoo.com.br

2 Docente da Faculdade de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociobiodiversidade e Educação (PPGSE/UFPA – Campus Universitário do Marajó-Breves). Doutor em Educação (PUC-Rio). Coordena o Programa Redes de Comunidades Ribeirinhas. Orcid: 0000-0002-8186-8789. E-mail: eunapiodocarmo@gmail.com

Belém é entrecortada por ilhas, rios e igarapés que marcam a história da cidade. Por outro lado, na área urbana, as bacias hidrográficas existentes tomam conta da paisagem fluvial. A relação dos amazônidas com os rios vem desde nossos antepassados e ao longo do tempo sofre diversas modificações a partir da necessidade dos habitantes locais. Belém também está entre as capitais com maior número de pessoas morando em favelas, colaborando para que a região norte seja reconhecida como tendo a maior proporção desse segmento no Brasil (IBGE, 2024). Os estudos sobre as formas de intervenção nesse espaço urbano multiplicam-se, especialmente, aqueles relacionados a grandes obras infraestruturais, aparecendo como os mais significativos. Na realidade de Belém, os trabalhos sobre o Projeto da Macrodrenagem da Bacia do Una (PMBU), considerado um dos mais impactantes projetos de urbanização do Brasil, foram e ainda são objeto de investigação. A esse respeito cabe enfatizar a complexidade do tema e suas várias possibilidades de análises sob a ótica da apropriação capitalista do espaço urbano. Nesta análise, alguns trabalhos merecem ser aqui destacados pela competência teórico-metodológica das autoras: Vitória Paracampo (1996), Cruz (2012) e Valente (2006). Como dito, a complexidade do tema somado a sua interdisciplinaridade e aos vários desdobramentos de análise e intervenção, permitem inferir que o racismo se reatualiza cada vez que uma vida da beira do canal é dissipada em decorrência da negligência pública, conferindo aos seus moradores o dever de resistir como condição de sobrevivência. Assim, a linha de investigação aqui desenhada situa-se no âmbito das consequências sociais do PMBU e as formas de resistir de coletivos e movimentos diante do caos instalado com a falácia da modernização urbana.

Nesse contexto, este artigo tem por objetivo analisar a atuação do Movimento 28 de Abril, no período 2023-2024, diante dos desafios enfrentados pelos moradores à margem do canal da Antônio Baena numa perspectiva histórica e crítica. Os autores elencados para o recorte teórico desse artigo têm estudado categorias como: etnografia urbana (Magnani, 2002), usos e contra-usos e espaço público (Leite, 2002), identidade de lugar (Tuan, 1983 *apud* Ponte, Bomfim, Pascual, 2009), movimentos sociais (Gonh, 2008), organicidade e democracia popular (Semeraro, 2004) e direito à cidade (Cruz, 2012). Essas categorias dialogam entre si e promovem uma apreensão crítica da realidade social do canal da Antônio Baena, valorizando: as histórias de vida, os espaços como *locus* de vivência e convivência, o encontro e reencontro, o trabalho para sobrevivência, a inteligência e a criatividade periférica e a luta por direitos. No entanto, a abordagem histórica e crítica dessas categorias permite também conhecer as contradições sociais como: desigualdade social, racismo, violência estrutural, desproteção social e negligência pública. Logo, a permanência no canal enquanto uma pauta de luta histórica enfrenta o contexto de descaso ocasionado pelas consequências do PMBU que representou o processo de revitalização urbana, provocando intervenções na paisagem urbanística e, como empreendimento público-privado – envolvendo Estado, BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) e as construtoras - provocou o aprofundamento da segregação social e da desigualdade sócio-histórica, cuja modernização centrada na apropriação do capital, paradoxalmente, nega o direito à cidade aos moradores.

Nesse cenário de muitos retrocessos e poucos avanços, surgem movimentos e ações organizativas como: Movimento da Periferia, criado pelos moradores do Bairro de Fátima, que lutam pela garantia de direitos sociais da comunidade; o FMPBU (Frente dos Moradores Prejudicados da Bacia do Una), que tem como foco de atuação a luta contra a violação dos direitos humanos ao saneamento básico e ambiental, de ir e vir, à moradia digna, à saúde pública e, no mínimo, à própria dignidade humana;

e o Movimento 28 de Abril, que tem como sua bandeira de luta a valorização da cultura local e o resgate da memória coletiva de dois jovens negros periféricos mortos pela ação truculenta de policiais da ROTAM (Rondas Ostensivas Táticas Metropolitanas), ocorrida no referido dia que deu nome ao movimento, no ano de 2019.

A metodologia adotada foi a pesquisa-ação, lançando mão da entrevista semiestruturada com moradores do canal da Antônio Baena, realizadas em 2024 com o objetivo de entender vivências e trazer à tona as narrativas desses moradores da beira do canal, capaz de valorizar a percepção das particularidades do local, bem como a utilização de imagens cedidas pelos informantes que favoreceram a melhor compreensão do contexto em questão. A análise dos dados foi baseada na abordagem histórica e crítica com predominância da visão dialética. Além disso, serão trazidas as próprias percepções e experiências do local dos autores, pois como moradores próximos ao canal e militantes sociais vivenciaram e vivenciam de perto a realidade do canal da Antônio Baena. Para isso, foram usados o método etnográfico e a observação-participante, que ajudarão na abordagem antropológica e nos relatos das vivências ao longo deste trabalho também como pesquisador.

O recurso fotográfico é fundamental para visibilizar o invisível da desigualdade e da sua banalização. As fotos e os seus contextos são devidamente explicitados no artigo, no entanto expressam também a necessidade de gritar para o Brasil e para o mundo. Imagens que atravessam tempos, histórias e forjam futuros. Outras vezes, registram sinas de muito sofrimento, mas também ressignificam vidas e experiências. As imagens que ilustram esse artigo são um ato político no concreto da periferia da cidade das águas, tão forte quanto fluída sobretudo diante dos tempos autoritários de camadas de racismo, violações de direitos e descarte humano. Ver as vidas retratadas é um convite ao esperançar cotidiano das periferias das Amazônias.

Em linhas gerais, o artigo inicia contextualizando historicamente os impactos do PMBU como eixo aglutinador do surgimento dos coletivos e movimentos de resistência do canal da Antônio Baena. Em seguida, são apresentadas as lutas em curso e as reivindicações em pauta. Nas considerações finais, são feitas observações sobre a relevância social das formas de resistências e são situadas agendas de pesquisa relevantes para o tema em questão.

O CONCRETO CHEGOU E A RESISTÊNCIA FOI SENDO RECONSTRUÍDA

Em Belém na década de 70, o bairro de Fátima, antiga Matinha, era entrecortado por igarapés, ruas de chão batido e pequenas casas de madeira. As pessoas circulavam em pontes sobre os igarapés. Essas eram, majoritariamente, famílias oriundas do interior. Homens, mulheres e crianças viam esse local de convivência interfamiliar como um espaço para a formação de grupos sociais que se ajudavam coletivamente por viverem em situação de pobreza, fruto de uma ocupação desordenada da cidade. Na década de 80, começaram as primeiras iniciativas de urbanização representados pela série de aterros em áreas semialagadas, assim como aterramento perto dos igarapés que, mais tarde, avançou com obras estruturantes de maior envergadura.

Iniciado em 1993 e "concluído" em 2004, o Projeto da Macrodrenagem da Bacia do Una (PMBU) é agrupado em três grandes sistemas: o de Saneamento, o Viário e o de Macrodrenagem

(17 canais, 6 galerias e 2 comportas). O projeto foi considerado "a maior reforma urbana da América Latina" com custo equivalente a US$ 312 milhões, sendo financiado pelo governo do Estado do Pará com US$ 169 milhões dólares (53,3% do orçamento) em parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) com US$ 143 milhões de dólares (46,7% do orçamento). A justificativa do empreendimento estava baseada no atendimento de melhoria de 600.000 mil habitantes, equivalente a 120 mil famílias (Costa, 2013). Tais famílias residiam nos 20 bairros por onde o PMBU foi executado, dentre eles Matinha, o atual bairro de Fátima. Esse, em particular, atende a sub-bacia 01 onde se encontram os canais da Três de Maio, Antônio Baena e Galo. No que se refere ao canal da Antônio Baena, o *locus* dessa pesquisa-ação, o mesmo está localizado entre as avenidas Pedro Miranda e Marquês de Herval.

As pessoas que residem no entorno do canal se autodenominam como "moradores da beira do canal" e "moradores que moram perto do canal". Elas são oriundas do interior e vieram para conseguir melhores condições de vida, sendo a maioria pessoas pretas, mulheres na sua maioria mães solo, trabalhadores na informalidade e braçais, jovens com distorção série-idade que são entregadores de aplicativos; crianças e adolescentes com caso de gravidez, consumo de álcool e drogas. As famílias são numerosas, com moradias que formam vilas de casas configurando uma ocupação intergeracional. Vivem em condições precárias, resultado da desigualdade social presente no país na medida em que "1% mais rico do Brasil tem 60% dos ativos financeiros do país" (Oxfam Brasil, 2024). Chama atenção a numerosa presença de pequenos estabelecimentos comerciais: mercearias, bares, barbearias, brechó e vendas de comidas caseiras.

A "conclusão" do PMBU de acordo com o cronograma oficial ocorreu em 2004. No entanto, durante a execução do mesmo e após o término da obra, várias casas foram e são atingidas pelos alagamentos em dias de fortes chuvas, tendo seus pertences e empreendimentos afetados como consequência de um macro projeto inconcluso e inoperante. Nesse âmbito, configura-se o avanço das estratégias de acumulação do capital, tratando com descaso qualquer outra agenda e pauta que discutam cidadania e dignidade para a população, desenhando práticas de necropolíticas (Mbembe, 2021) pois incidem em mortes e sequestro de futuro. São produtos de um desenvolvimento desigual e combinado, aprofundando mais o cenário de pobreza como a fome, desemprego, com doenças físicas e psicossociais, a precarização e ausência de saneamento básico.

Diante desse quadro de privação social, inicia-se um processo de mobilização dos moradores que se sentiram marginalizados com o projeto, principalmente por entender que a Macrodrenagem não conseguiu atender àquilo que consta no seu aspecto propositivo, não resolvendo os transtornos provenientes dos alagamentos.

Este artigo se ambienta no contexto das lutas dos movimentos por justiça social no âmbito da força coletiva para conquista de direitos e igualdade (Gohn, 2008). Para Maria Gohn (2008), esses coletivos são formados por sujeitos coletivos que se fortalecem nas suas bases organizativas para se contrapor às injustiças existentes. E, nessa perspectiva por direitos sociais, o Movimento 28 de Abril se forjou como resposta ao conjunto de insatisfações, mortes, descaso e negligência, compondo um campo fecundo para o surgimento de insurreições, rebeldias, transgressões e, em síntese, a formação de movimentos sociais do canal[3].

3 A título de informação, atuam também no canal outros dois movimentos com reivindicações sociais a partir do território: Movimento da Periferia e Fórum dos Moradores Prejudicados da Bacia do Uma. Ambos movimentos com a ação cível pública ambiental, referente aos problemas advindos dos alagamentos e inundações decorrentes do Projeto da Macrodrenagem e seus impactos desastrosos.

O Movimento 28 de Abril embora tenha nascido após aquele triste e revoltante episódio, as ações que deram musculatura ao movimento já vinham sendo realizadas bem antes do seu nascimento. Este movimento teve seu batismo político-cultural forjado na memória da resistência de corpos-territórios que ancestralizaram.



Figura 1. Manifestação dos Moradores após o extermínio dos jovens do canal.
Fonte: G1 PA (2019).



Figura 2. Bloqueio da avenida feita pela manifestação dos moradores.
Fonte: G1 PA (2019).

No dia 28 de outubro, depois de quatro reuniões entre os moradores, foi realizado, na beira do canal da Antônio Baena os Círculos Culturais de Resistência com *Hip-hop*, *Reggae*, Carimbó, declamação de versos, intervenções de falas, espaços de lazer e animação para crianças, grafitagem e apresentação da Escola de Samba da Matinha. Tudo isso não apenas para denunciar a lógica racista militar da polícia e sua abordagem de ação sobre quem é "suspeito", mas também, anunciar a cultura como mecanismo de memória e história (Freire, 2000). As imagens ilustram as manifestações dos moradores diante da barbaridade ocorrida no canal.

É importante lembrar que a maioria das ações realizadas no círculo de cultura não nasceram com o referido movimento. Pelo contrário: são iniciativas que já compunham o circuito de outras já existentes, como mutirões de limpeza do canal, piqueniques, ruas de lazer, concursos de miss e blocos carnavalescos. Porém, não se nega o caráter aglutinador do Movimento 28 de Abril em chamar atenção para questões prioritárias, tais como a constância dos alagamentos em tempos de emergência climática, com as enchentes causando perdas parciais e totais dos imóveis junto com a transmissão de doenças com veiculações hídricas, e outros transtornos na área da saúde integral que corresponde ao equilíbrio entre saúde humana, animal e ambiental.

Todas as complexidades e adversidades da problemática elencada são o pano de fundo do Movimento 28 de Abril, pois o canal da Antônio Baena traz histórias de vida se tornando lugar de vivência e convivência, encontro e reencontro. O direito à cidade como pressuposto político para permanecer no canal, resultado direto da inteligência e criatividade periféricas e lutas por direitos.

A PERMANÊNCIA NO CANAL COMO ESTRATÉGIA DE LUTA

Para conhecer a atuação do Movimento 28 de Abril lançou-se mão da etnografia urbana (Magnani, 2002), pois a mesma nos faz compreender sobre o fenômeno político enquanto *locus* de múltiplas relações dos diversos grupos sociais. Assim sendo, torna-se essencial a interação com os sujeitos da pesquisa na medida em que são elos de reflexão entre a realidade apreendida e as formas de concepção a respeito dela. No caso do canal da Antônio Baena tivemos dois informantes que colaboraram com a investigação. São eles: informante A – mulher, negra, casada, mãe, 35-40 anos, moradora do canal, coordenadora do Movimento 28 de Abril; informante B – homem, pardo, casado, pai, 40-45 anos, morador do canal, coordenador do Movimento 28 de Abril. Ambos foram entrevistados no mês de outubro de 2024 em suas residências, mediante a realização de entrevista semiestruturada onde prevalece conversas e diálogos a partir de perguntas direcionadas. Após serem devidamente explicados sobre a pesquisa, os informantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)[4]. Assim, participaram ativamente dos intensos diálogos sobre a realidade dos moradores da Antônio Baena.

A ideia central da etnografia urbana consiste em duas abordagens: um olhar de fora e de longe, e um olhar de perto e de dentro. Na primeira, opera-se com uma análise mais ampla a respeito dos aspectos chamados desagregadores, como a política de concentração e desigualdade na distribuição dos equipamentos urbanos. Já na segunda, temos os arranjos sociais elaborados no cotidiano por meio da inteligência criativa da periferia que buscam meios de superar a dinâmica da desigualdade urbana.

4 Os termos encontram-se no Apêndice.

Nesse sentido, na realidade do canal da Antônio Baena, o olhar de fora e de longe é representado com o advento dos grandes projetos de planejamento urbano, como o caso da Macrodrenagem da Bacia do Una, que traz os germes da violência sistêmica e a ausência de serviços públicos. Já o olhar de perto e de dentro dialoga com a atuação reivindicatória do Movimento 28 de Abril.

Em complementação à discussão sobre a etnografia urbana, o Movimento 28 de Abril possui formas de sociabilidade (Magnani, 2002). Isso se dá nos vários mecanismos de interação social que respondem à diversidade dessas interações que estão intimamente ligadas com tradicionais eventos culturais (carimbó e quadrilha junina) e esportivos. Conhecer essas sociabilidades permite apreender de maneira mais crítica a realidade social considerando a posição daqueles que constroem o cenário urbano.

Em outro nível de análise, o canal da Antônio Baena tem uma identidade de lugar (Tuan, 1983 *apud* Ponte, Bomfim, Pascual, 2009) construída socialmente pelos grupos sociais diversos que forjam o lugar enquanto "identitário, relacional e histórico" (Tuan, 1983 *apud* Ponte, Bomfim, Pascual, 2009, p. 347) tornando-se um referencial do cotidiano de uma coletividade, impregnado de significações, cultura de vizinhança e representatividades. Isso pode ser observado no depoimento da entrevistada A:

> Tendo em vista que, na maioria das vezes, o entretenimento dar-se-á de forma rotineira e bastante diversificada nos dias atuais onde os moradores (crianças, jovens, adultos e idosos) realizam seus encontros em torno do canal com conversas direcionadas e às paralelas tendo como objetivo maior, o relaxamento da labuta semanal e revê amigos, filhos e parentes renovando-se para um novo dia, uma nova semana e dentro deste processo o grupo do dia 28 de Abril atua através do diálogo, das atividades culturais e cursos oferecidos gratuitamente.

Também nesse depoimento percebe-se a apropriação e significação dos lugares (Ponte, Bomfim, Pascual, 2009) quando são manifestadas as relações de afetividade dentro dos espaços de vivência e convivência tecidas no cotidiano. Esse cotidiano está registrado através de imagens que revelam a riqueza dos momentos de afetividade e vínculo comunitário como: Bloco Unidos do Umarizal com uma ala formada só de moradores da Antônio Baena (figura 3), Desfile Escolar do Centro Irmã Dulce (figura 4), Campeonato de futebol do Bairro de Fátima (figura 5), Lazer no final de semana com churrasco e sopa (figura 6), Comemoração da Copa do Mundo (figura 7) e Concurso de Miss Caipira (figura 8).

Mantendo o nível analítico, o canal da Antônio Baena teve sua configuração territorial atingida pela supermodernidade como produtora de não-lugares (Augé, 2007 *apud* Ponte, Bomfim, Pascual, 2009), que ocorre quando os projetos urbanos dilaceram com a geografia territorial do lugar por meio do discurso de progresso para enquadrá-lo aos moldes dos espaços meramente de passagem. Para o autor (Ponte, Bomfim, Pascual, 2009), a produção de não-lugares está relacionada com as privações sociais.

> Assim, os não-lugares estariam na ordem dos espaços de passagens, nos hiatos espaciais que são preenchidos com signos previamente determinados e controlados. O não-lugar é diferente do espaço, pois este possui a característica de lugar praticado, lugar em movimento (Ponte, Bomfim, Pascual, 2009, p. 47).

Essa produção pode ser encontrada na realidade do canal da Antônio Baena no depoimento do entrevistado B:



Figura 3. Bloco Unidos do Umarizal.
Fonte: Registro pessoal do entrevistado B.



Figura 4. Desfile escolar do Centro Ir. Dulce.
Fonte: Registro pessoal do entrevistado B.



Figura 5. Campeonato de futebol do Bairro de Fátima.
Fonte: Registro pessoal do entrevistado B.



Figura 6. Lazer no final de semana com churrasco e sopa.
Fonte: Registro pessoal do entrevistado B.



Figura 7. Comemoração da Copa do Mundo.
Fonte: Registro pessoal do entrevistado B.

> Com a chegada do progresso através de uma luta popular, com a ausência do tempo para repassar as tradições culturais aos filhos, com o recuo das residências dando espaço ao canal da Antônio Baena com asfalto e meio fio e a mudança da nomenclatura de *rua* para *travessa*, o antigo entretenimento adormeceu e foi a partir desse fato que tivemos a ideia através de observações em formar um grupo cultural chamado Encantos Amazônicos que abrangesse não somente a cultura popular mas também diversas formas e vertentes para uma formação cidadã em todos os âmbitos (político-sócio-cultural).

Uma das marcas do depoimento é a intervenção afetiva ético-política e a ruptura com a ordem estabelecida (Ponte, Bomfim, Pascual, 2009), quando a política do afeto e do cuidado são materializadas em outras formas de alternativas para se contrapor ao modelo territorial vigente. Essas manifestações políticas de afeto e cuidado se encontram registradas nas imagens que indicam o enfrentamento ao já estabelecido, como pode ser verificado nas figuras 9, 10 e 11.

O intercruzamento dessas análises caminha em direção a explicar que a permanência no lugar, como condição de reprodução social da vida e das suas múltiplas experiências sociais. Dessa forma, ficar no território está diretamente relacionado com a luta permanente dos grupos sociais do canal da Antônio Baena, compreendidas como reivindicações autênticas por uma vida digna no lugar em que historicamente construíram relações socioterritoriais entremeadas pelo sentimento de pertença.



Figura 8. Concurso de Miss Caipira.
Fonte: Registro pessoal do entrevistado B.

OS MOVIMENTOS E EXPERIÊNCIAS DA ORGANIZAÇÃO COLETIVA NA PERIFERIA DO CANAL DA ANTÔNIO BAENA

Os movimentos sociais urbanos, historicamente, lutam por melhores condições de vida e por direitos humanos. Nessa direção, o Movimento 28 de Abril é composto por sujeitos coletivos organizados em causas como entidades rebeldes para conquista de direitos sociais. Por isso, é pertinente considerar que a partir da tipologia apresentada por Gohn (2008), o Movimento 28 de Abril pode ser considerado como um coletivo que luta por justiça social na medida em que se reconhece como reivindicatório por trazer em sua agenda de atuação a luta por melhorias.

Já a categoria de sujeitos coletivos (Gohn, 2008) dialoga diretamente com o Movimento 28 de Abril devido à união em torno de um objetivo em comum que potencializa suas ações em direção aos direitos sociais (Gonh, 2008). Assim para que as conquistas por direitos sociais (melhores condições de vida como saneamento básico, segurança, saúde, educação e lazer) sejam mais eficientes, é fundamental a atuação em rede (Gohn, 2008), que passou a se tornar um mecanismo importante para as ações do Movimento 28 de Abril através de atuações em parceria com outras frentes sociais (Movimento da Periferia, FMPBU) ou de trocas de informações. Essas atuações em redes podem ser vistas nas figuras 12, 13 e 14.



Figura 9. Apresentação do Grupo Folclórico Encantos Amazônicos para os moradores do canal.
Fonte: Registro pessoal do entrevistado B.



Figura 10. Curso de flauta e afinação de instrumentos.
Fonte: registro pessoal do entrevistado B.



Figura 11. Grupo Folclórico Encantos Amazônicos se apresentando no evento "Terra da Nossa Gente". Fonte: registro pessoal do entrevistado B.

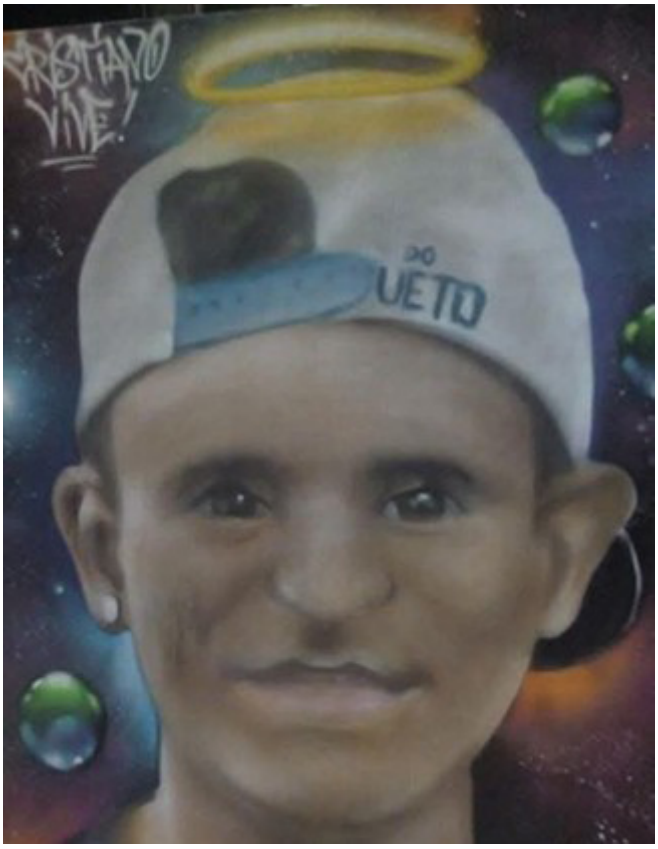


Figura 12. Homenagem em grafite ao jovem assassinado Cristiano. Fonte: Registro pessoal do entrevistado B.



Figura 13. Homenagem em grafite ao jovem assassinado Lucas.
Fonte: Registro pessoal do entrevistado B.

A discussão do direito à cidade é central (Cruz, 2012) nas reflexões sobre saneamento básico, acesso a serviços essenciais, segurança pública e mobilidade para todos. A negação desse direito produz desigualdade e segregação social que está na base do planejamento e gestão de Cidade (Cruz, 2012), pois é comandado e dirigido pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) que tem nas suas diretrizes o discurso do progresso, mas que, de certo, revela a estratégia de concentração do capital excludente.

Se tratando das particularidades do direito à cidade em regiões periféricas como a Amazônia, percebe-se que a concentração populacional e a ausência de infraestrutura básica reforçam os problemas históricos de segregação, exclusão e apagamento de grupos sociais vulnerabilizados por intensos processos de desigualdades socioespaciais resultado do modo de produção das cidades centradas no mercado (Cruz, 2012). A discussão contemporânea sobre direito à cidade está sendo protagonizada pela Cúpula dos Povos com pautas voltadas para a realidade dos territórios como o "eixo 5 - Cidades justas e periferias urbanas vivas" com ações voltadas para: combater o racismo ambiental nas periferias urbanas, justiça climática nos territórios urbanos e direito à mobilidade, moradia e saneamento (Cúpula dos Povos COP30, 2025).



Figura 14. Voluntários do curso de técnico de enfermagem da Escola Superior da Amazônia (ESAMAZ-TEC).
Fonte: Registro pessoal do entrevistado B.

A periferia denuncia o racismo ambiental e buscar pautar justiça aos mais injustiçados. Nos canais de Belém, essa constatação é dolorosa. As populações periféricas vivem as consequências das convergências das crises (sociais, econômicas, sanitárias e ambientais), pois são corpos-territórios alvos primeiros das enchentes, doenças, mortes, sofrimentos psíquicos, disparidade série-idade escolar e desemprego. Morar na beira do canal passa a ser sinônimo de morte, e isso é perpetuar o ciclo de desigualdade que estrutura a sociedade brasileira uma vez que territórios apagados e silenciados pela negligência são os mais afetados, expostos e excluídos pelas políticas públicas (Herculano, Pacheco, 2006). Revela-se fundamental desnaturalizar a exclusão social também promovida pelo racismo ambiental, ou seja, esses grupos devidamente informados tem o direito a políticas climáticas de adaptação e mitigação diante dos efeitos das mudanças climáticas, por exemplo, pois a ausência e/ou a precarização dos serviços básicos não podem ser normalizadas já que incidem diretamente na realidade social dos grupos vulnerabilizados (Mendes, Araújo, 2025).

É nesse circuito excludente de impactos territoriais a que os moradores da Antônio Baena são forçosamente submetidos que o Movimento 28 de Abril passa a ser gestado, tornando-se uma força catalisadora e de resistência. Isso é destacado no depoimento da entrevistada A: "com chegada do progresso através de uma luta popular, e com ausência de tempo para repassar as Tradições Culturais aos filhos e com o recuo das residências dando espaço ao canal da Antônio Baena com asfalto e meio fio". Foi no cerne dessa lógica de deformação urbana que a segregação social (Cruz, 2012) foi corporificada sob o pretexto do discurso de remanejamento para encobrir a política de remoção. Isso pode ser constatado nas figuras 15 e 16.

A revitalização oriunda do processo de macrodrenagem está inserida o canal da Antônio Baena e, por sua vez, é nesse complexo urbano-territorial que contempla o debate sobre usos e contra-usos e espaço público (Leite, 2002). E nesse antagonismo socioespacial que ocorre a gentrificação social

(Leite, 2002). Esse processo que cada vez mais deixa de ser sinônimo de melhoria por conta do seu excludente modelo de enobrecimento territorial[5], que ao gentrificar esses espaços simultaneamente desencadeia uma dinâmica segregadora da remoção de moradores do seu lugar identitário e histórico. Contribuindo dessa forma, para o investimento do capital imobiliário, sob a égide da conivência do Estado através da administração pública.

Isso ganha ênfase na fala do entrevistado B:

> Nós continuamos ainda na beira do canal porque também é a nossa raiz onde nós moramos, onde nós não gostaríamos de sair pode vir o progresso pode vir o que vir mas nós vamos continuar resistindo e fazendo nossos trabalhos junto com a comunidade.



Figura 15. Canal da Antônio Baena em situação de assoreamento.
Fonte: Sesan Belém (2021).



Figura 16. As enchentes resultantes do assoreamento do canal.
Fonte: https://web.facebook.com/gplanapedreira/videos/495351911136722/ acesso em: 17/12/2024.

5 Para Leite (2002), o referido modelo expressa-se pela ideia de áreas nobres não podem ser sua imagem comprometida com a presença da classe subalterna.

Além de colocar em xeque o conceito do termo "progresso", o relato acima dá o tom do caráter de enfrentamento pelo direito à permanência no canal. Como diz a letra da música *Batidas e levadas*, de Marcelo D2: "Preto Velho já dizia, ordem pro povo progresso pra burguesia". Como já foi mencionado, para que a Macrodrenagem da Bacia do Una fosse engendrada foi necessário fazer uso de alguns mecanismos segregadores como a desapropriação de sujeitos (Leite, 2022) e a curetagem social (Certeau, 1994 *apud* Leite, 2022) que além de arrancá-los do lugar dilaceravam seus sentidos de pertencimento.

O Movimento 28 de Abril possui uma organização baseada na manifestação cultural e comunitária, expressada a partir de elementos como organicidade e democracia popular (Semeraro, 2004), justificada pelo projeto alternativo constituído pelas classes populares como exemplo de sua hegemonia (Semeraro, 2004). O coletivo se legitima como projeto alternativo por conta das suas estratégias de resistência, formação e resgate cultural elaboradas em reuniões, conforme demonstra a informante A:

> Há pautas das reuniões e uma das principais foram resgatar as brincadeiras que eles mais gostavam os dois homenageados, os talentos que nós tínhamos e ainda temos na beira do canal e principalmente fazer com que todos conheçam as brincadeiras e as atividades que os homenageados tinham no decorrer de sua vida.

É importante ressaltar que as reuniões eram feitas de forma participativa e horizontalizada onde as ideias eram partilhadas legitimando o rompimento do intelectualismo fechado em si (Semeraro, 2004). Dessa forma, constata-se a presença de famílias formadas por trabalhadores que lutam para garantir o mínimo para casa, assim como há luta para se ter uma educação de qualidade. Por outro lado, há luta para acessar os serviços básicos de saúde e não morrer ou ser alvejado ou, até mesmo, ser interditado pela polícia, pois a cor da pele dos moradores da beira do canal sendo preta indica o lugar que lhes é imposto por um Estado de exceção e punitivo[6].

As periferias de Belém têm sido *locus* onde pulsam resistências e organização social. Elas são diversas, e as lutas também o são. Por outro lado, entender o contexto dessas lutas desapartadas dos sujeitos coletivos colabora para uma interpretação reducionista com intuito de despolitizar o processo. Por esta razão, é fundamental resgatar a organização política e a participação social dos moradores da beira do canal diante das demandas por dignidade e melhores condições de vida. Para tanto, o surgimento de movimentos sociais como o Movimento de 28 de Abril são emblemáticos no sentido de aglutinar a efervescência da rebeldia popular que se opõem ao enobrecimento de áreas para servir aos cidadãos privilegiados e para tal desumanizam outras pessoas, ficando para estes a precarização das moradias e serviços públicos, produzindo subcidadania (Souza, 2003), cuja ideia central é marginalização contínua de grupos sociais historicamente vulnerabilizados.

Diante da apresentação dessas categorias, nota-se que a complementação entre elas ajuda a perceber a presença da força coletiva organizada na atuação do Movimento 28 de Abril seja para resistir e permanecer no lugar, através da luta por justiça social e da mobilização social por melhores condição de vida. Como referido na abertura desse artigo, Belém é composta por ilhas, furos, igarapés. É possível afirmar que, onde estão as bacias, corriam livremente esses elementos hídricos descritos. Ou seja, as bacias que cortam e entrecortam a cidade foram/são espaços de resistência de ontem e hoje.

6 Em Moraes (2019) são apontadas as gêneses das relações Estado, direito e políticas no contexto de crise contemporânea do capital, performando a violência do Estado e a escolha do inimigo público.

Foram nessas águas da cidade da floresta (Trindade Jr, 2010) que movimentos de fuga forjaram resistência dos povos da floresta contra a opressão colonial e do império. E, hoje, nelas, são travadas lutas ancestralizadas que revivem o *front* diante do avanço do desenvolvimento empobrecedor (Acosta, 2010), que insiste priorizar o mercado em detrimento da vida. Guardadas as devidas proporções, as bacias que atravessam o concreto, o asfalto e as vidas mostram a resistência das águas na medida que precisam lidar e enfrentar as transformações capitalistas da cidade. Com isso, no plano histórico e geopolítico, os coletivos e movimentos sociais do canal são expressões de luta social forjada nas mesmas águas do encontro entre histórias, memórias e sabedoria dos povos da floresta que atravessam tempos-espaços e se metamorfoseiam e inspiram novas lutas, estratégias e enfrentamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação do Movimento 28 de Abril é marcada pela luta por cidadania e dignidade, e superação da escalada de opressão e violência presentes na história do PMBU. Não obstante o esforço coletivo dos seus membros, é perceptível a persistência dos problemas sociais que assolam os moradores da beira do canal da Antônio Baena. Nos últimos anos, o Movimento vem incrementando sua atuação, mantendo os círculos de cultura aliando a eles uma agenda socioambiental vinculada aos problemas oriundos dos alagamentos, bem como suas consequências junto aos moradores, para que possam fortalecer a relação com o lugar através do sentido de pertencimento.

Do ponto de vista da colaboração do Movimento 28 de Abril para permanência dos moradores no canal, entende-se que tal (re)existência se mantém por conta das várias formas coletivas de superação das adversidades. Essa superação, além de receber a contribuição do Movimento, é fortalecida na atuação em rede com outras frentes que lutam por direitos (Movimento da Periferia e FMPBU).

Assim como afirma Gohn (2008), os sujeitos coletivos do canal da Antônio Baena são protagonistas da luta por dignidade e pelo direito à cidade por meio da inteligência criativa desses sujeitos rebeldes, pois enfrentam as mazelas de um empreendimento capitalista a serviço da especulação imobiliária numa cidade com o maior número de favelas do Brasil. Ou seja, os empreendimentos e grandes obras destinam-se a reprodução da desigualdade social, pois embora os projetos de infraestruturas sejam de cima para baixo, os moradores seguem se organizando como demonstram os grupos sociais que vivem na beira do canal. Essa investigação suscita a necessidade de novas agendas de pesquisa e o aprofundamento e estudos comparativos entre cidades amazônidas, considerando a complexidade do tema como a gentrificação, segregação e curetagem social, e o uso e o contra uso nos espaços públicos e privados. Espera-se que o trabalho possa contribuir para debates futuros sobre a atuação de movimentos populares que construíram resistência frente ao PMBU e que, possa servir como instrumento consultivo e formativo para novos enfrentamentos, como o debate socioterritorial da COP 30 e seus desdobramentos sempre numa perspectiva histórica e crítica.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. Extrativismo e neoextrativismo: duas faces da mesma maldição. In: DILGER, Gerhard; LANG, Miriam; PEREIRA FILHO, Jorge (org.). *Descolonizar o imaginário*: debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento. Fundação Rosa Luxemburgo. São Paulo: Editora Elefante, 2010, p. 46-87.

SESAN BELÉM. Canal da Antônio Baena antes da limpeza. Ponto de Pauta, 2021. Disponível em: https://pontodepauta.com/2021/03/01/transformacao-no-canal-da-antonio-baena-viraliza-na-web/. Acesso em: 04 nov. 2025.

COSTA, Alexandre. "A maior reforma urbana da América Latina", ocorrida em Belém, capital do estado do Pará (Parte 1). *FMPBU – Frente dos Moradores Prejudicados da Bacia do Uma*, Belém, 17 nov. 2013. Disponível em: http://frentebaciadouna.blogspot.com/2013/11/a-maior-reforma-urbana-da-america.html. Acesso em: 04 nov. 2025.

CRUZ, Sandra Helena Ribeiro. *Grandes projetos urbanos, segregação social e condições da moradia em Belém e Manaus.* Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido), Belém: Universidade Federal do Pará, 2012.

Cúpula dos Povos COP30. *Unindo vozes pela justiça climática*. Disponível em: https://cupuladospovoscop30.org/manifesto/. Acesso em: 04 nov. 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

G1 PA. Manifestantes fecham avenida após ação da PM deixar dois mortos na Pedreira, em Belém. G1, Belém, 28 abr. 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/04/28/manifestantes-queimam-pneus-e-interditam-avenida-contra-acao-policial-na-pedreira-em-belem.ghtml. Acesso em: 04 nov. 2025.

GOHN, Maria da Glória. Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina. Dossiê: Movimentos Sociais e Política. *Caderno CRH*, Salvador, v. 21, n. 54, p. 439-455, set./dez. 2008.

HERCULANO, S.; PACHECO, T. (Org.). *Racismo Ambiental.* I Seminário Brasileiro contra o Racismo Ambiental. Rio de Janeiro: FASE, 2006.

IBGE. Censo 2022: Brasil tinha 16,4 milhões de pessoas morando em Favelas e Comunidades Urbanas. *Agência de Notícias IBGE*, 08 nov. 2024. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41797-censo-2022-brasil-tinha-16-4-milhoes-de-pessoas-morando-em-favelas-e-comunidades-urbanas. Acesso em: 05 nov. 2025.

LÁ NA PEDREIRA. Canal da Antônio Baena, com a Pedro Miranda. Facebook, 11 mar. 2020. Disponível em: https://www.facebook.com/watch/?v=495351911136722. Acesso em: 04 nov. 2025.

LEITE, Rogerio Proença. Contra-usos e espaços públicos: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, n. 49, junho, 2002, p. 115-172.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, n. 49, jun. 2002, p. 11-29.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica.* Tradução: Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2021.

MENDES, Júlia; ARAUJO, Bruno. Racismo ambiental, COP e juventudes: qual a relação? *((o)) eco*, 26 mar. 2025. Disponível: https://oeco.org.br/reportagens/racismo-ambiental-cop-e-juventudes-qual-a-relacao/. Acesso em: 04 nov. 2025.

MORAES, Deborah Marques. "Estado de exceção" permanente e a escalada punitiva no Brasil. *Revista Praia Vermelha*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1 (especial), 2019, p. 205-226.

OXFAM BRASIL. Riqueza dos cinco homens mais ricos do mundo dobrou desde 2020, enquanto a de 5 bilhões de pessoas diminuiu. *Oxfam Brasil*, São Paulo, 14 jan. 2024. Disponível em: https://www.oxfam.org.br/noticias/os-cinco-homens-mais-ricos-do-mundo-dobraram-suas-fortunas-desde-2020-enquanto-cinco-bilhoes-de-pessoas-ficaram-mais-pobres/. Acesso em: 04 nov. 2025.

PARACAMPO, Vitória. *Reforma Urbana*: macrodrenagem e participação popular. Belém: Ed. Universitária UFPA, 1996.

PONTE, Alexandre Quintela. BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. PASCUAL, Jesus Garcia. Considerações teóricas sobre identidade de lugar à luz da abordagem histórico-cultural. *Psicologia Argumento*. v. 27, n. 59, p. 345-354, out./dez. 2009.

SANTANA, Joana Valente. *Banco Interamericano de Desenvolvimento e Política Urbana no município de Belém*: tensões e compatibilidades no modelo de gestão de cidades e no discurso da participação social. Tese (Doutorado em Serviço Social), Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

SEMERARO, Giovanni. O educador político e o político educador. In: SEMERARO, Giovanni (org.). *Filosofia e política na formação do educador*. Aparecida: Ideias & Letras, 2004, p. 57-79.

SOUZA Jessé. *A Construção Social da Subcidadania*: Para uma Sociologia Política da Modernidade Periférica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

TRINDADE JR., Saint-Clair Cordeiro da. Cidades na floresta: os "grandes objetos" como expressões do meio técnico-científico informacional no espaço amazônico. *Revista IEB*, n. 51, mar./set. 2010.